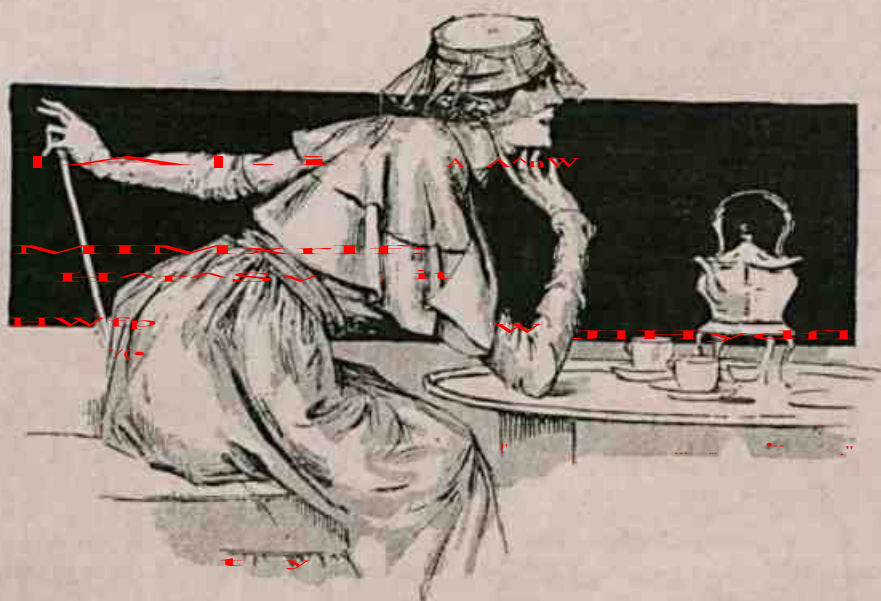
Sabbado 14 de Outubro de 1916

MATTO GROSSO

Um comediante menor que Nero e um incendio maior que o de Roma

(Esboceto)

A
CASA COLOMBO
inaugura hoje
Exposição das ultimas novidades para o verão
Vestidos de voile, modelos alta novidade em
côres e teitics, 50$ e . . . . . . 55$
Vestidos e costumes de linho, 50$ e . . 60$
Chapéos, modelos de Paris, creações especiaes
para o verão, desde . . . . . . 20$
CASA COLOMBO
Avenida e Ouvidor

Macacos e conselheiros

Frederico da Prussia, quando ainda era principe, tinha uma grande collecção de macacos, com os quaes se recreiava muito. Como era de uma franqueza rude nas suas pilherias, lembrou-se de dar aos exemplares da sua collecção simiesca os nomes dos principaes cargos da côrte. Chamava a um delles *chanceller*, a outro *camarista*; este era o *conselheiro*; aquelle o *inspector das finanças*, etc.

Um dia, querendo brincar com um dos seus animaes favoritos, disse alto:

— Tragam-me o *conselheiro*!

Ora succedeu estar na ante-camara um conselheiro verdadeiro, esperando ser recebido pelo principe, o qual, julgando que este o chamava, entrou. E quando Frederico o viu entrar, disse-lhe com sua habitual rudeza:

— Não era V. Ex. que eu chamava; era o macaco. Mas entre que é a mesma cousa!

LIVROS GIGANTESCOS

Em 1832 foi impresso em Londres o *Pantheon dos heróes inglezes*; cada pagina tem dous metros de comprimento e um de largura, sendo os typos de meio pé.

Na bibliotheca de Stuttgard existe um manuscripto de collossaes dimenssões, sendo encadernado em pelle de burro.

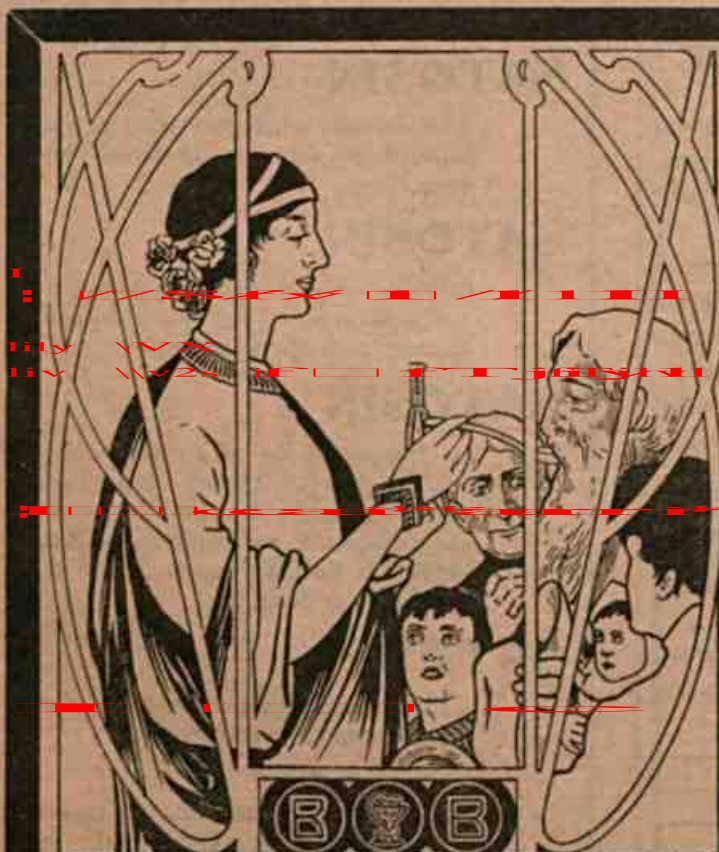
O *British Musemr*, de Londres, possue um dos maiores livros que existem: é um atlas geographico de 2,15m. de comprimento e do peso de 363 kilos.

Outro livro extraordinariamente grande é a *Relação da cidade de Albany no Senado de Washington*. Tem 1 metro e 20 de comprimento, consta de 600 paginas e pesa 490 kilos.

Outro livro notavel por suas dimensões é a *Historia da Secessão Americana*.

Numa reunião festiva acaba de entrar uma senhora garridamente vestida de preto, cujo marido falleceu recentemente.

— Já repararam como a viuva está animada? observa, em voz baixa, um dos presentes.

— Naturalmente! responde outro, si ella está em pleno... *luto* de mel!

Naquelle minusculo gabinete em que Satanica colleciona imagens raras para os lindos sonhos da Immortalidade, emquanto as horas esvoaçam dentro da noite como os espectros nas lendas, eu vivo agora quasi feliz e nesse encantador viver vou tecendo prosa leve ante o mysterio extincto de sua mocidade eterna.

Lá fóra, aos derradeiros bocêjos da via publica, o movimento de transeuntes vai pouco a pouco esmorecendo, echoam ainda pelas calçadas os rijos passos de alguns bizarros noctivagos — mas as fórmas vagas que os produzem, denunciando-lhes a presença á luz dos lapeões, revelam physionomias singulares, que rapidamente perdem os traços logo adeante, parecem dissolver-se mais longe no fim da rua como nuvens de fumaça na escuridão da noite...

Quando a nostalgia me apanha de improviso na janella que dá para o passeio, esqueço completamente as preoccupações de actualidade; julgo-me um barbaro em plena selva a retalhar na casca de velhas arvores as figuras ainda toscas de uma Arte Nova.

Basta, porém, ouvir as blasphemias de um vadio na taberna proxima ou perceber um vulto de homem tombado em qualquer soleira vasia, para me voltar ás torturas da razão a idéia perfeita do anniquilamento final:

— Atravez do silencio transitorio da noite os seres já tendem incorporar-se ás cousas na treva perpetua.

Deixo então a janella remoendo essa phrase e vou recostar-me sobre um divan com o cigarro fumegante entre os dedos para melhor estudar os gestos musicaes de Satanica:

— Lembras-me uma virgem pôsando para o amor tragico.

Satanica, quando assim lhe falo, repete-me sempre que, ouvindo o timbre de minha voz tão perto, escuta ao longe os dobres perdidos de um sino; accende depois a sua cigarrilha de fumo turco, fita-me muito e sorri:

— Em ti, reproduz-se no extase do amante a ancia do artista em realisar a perfeição.

Por esses dias de constantes chuvas e desorientados ventos, mal a luz tenue da tarde esgueira-se imperceptivelmente por entre as nevôas do crepusculo, imito-lhe a aligeirada fuga e atravesso os passeios lamacentos para ir ter ao minusculo gabinete de Satanica.

Ninguem comprehenderá o prazer que sinto nesses divinos encontros nem a preferencia que dou a um tão modesto local; sómente eu poderia divulga-lhe os encantos, mas vivo feliz demais para fazel-o, limitando-me a confessar que sobre as cinzas da memoria de Satanica adormece minha alma serenamente como num berço.

Se porventura eu proclamasse que Ella, sabendo quanto adoro a vida, é a unica digna de animar as minhas ideias, talvez os proprios Sonhadores se compadecessem do meu adolescente emgenho; mas eu tenho a heroica resignação dos Indomaveis e demonstrarei um dia a minha força creadora, na qual Ella apparecerá contando aos contemporaneos as virtudes da Decadencia...

E sempre prompta a me escutar, apenas entro em seu minusculo gabinete, Satanica exclama logo:

— Que tarde!... Porque não vieste mais cedo?

No entretanto, Ella anda o dia inteiro commigo, confundo-a com a sombra inedita da obra prima que idealiso.

Ante as rituaes explicações que lhe dou de minha demora, Satanica sorri e emquanto accende mais uma cigarrilha de fumo turco vai tagarelando:

— Queres reduzir-me ao papel de modelo? Arrancarás minha alma para deposital-a noutra fórma mais bella... E depois?...

Ás vezes sigo-lhe o pensamento e deixo escapar a mesma interrogação:

— E depois?

Ella tira uma longa fumaça da cigarrilha, sorri de um modo extranho e termina:

— Abandonarás meu corpo ao arbitro inutil do mundo como uma mumia ao pó dos museus.

Na ultima vez que estive em seu pequenino gabinete, instigado insistentemente por Ella, satisfiz-lhe as constantes perguntas e fui sincero.

— Não creio no amor, celebro-te porque sabes interpretal-o com arte...

Não houve entre nós discussões ou lamentos nessa noite; continuamos ambos como d'antes a collecionar imagens raras e tecer prosa leve.

Sempre que a encontro, porém — entre a turba feroz dos Vencedores de agora — finjo não vêl-a, mas ao chegar juncto della, mesmo no meio da turba, fico num sonho, extatico, parado, como se eu fosse um satyro de pedra.

GARCIA MARGIOCCO

Como se augmentam as mãos muito pequenas

«As mãos desta franzina creatura
São feitas das camelias setinosas...»

Em todos os tempos os poetas têm decantado a belleza das mãos pequenas. Entretanto, esse dom elegante da Natureza muitas vezes prejudica extraordinariamente aos musicos, especialmente aos pianistas.

Nestas condições para corrigir os inconvenientes das mãos muito pequenas ou dos dedos muito curtos, acaba de ser inventado um instrumento, para se fazerem exercicios continuos de massagem e distenção.

Por este processo, assignalado na gravura, já se tem conseguido corrigir a estructura das mãos de muitas pessôas que se dedicam á musica instrumental, á dactylographia, etc.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL . . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 434 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 14 — OUTUBRO — 1916 — ANNO IX

POLITICA

Os casos estadoaes, ao lado das pendencias originadas pela futura escolha do futuro successor do Sr. Wencesláo Braz, enchem, na politica, a ordem do dia.

O tenebroso caso de Alagôas, com a insondavel profundeza do seu mysterio, com o seu negro caós de embrulho que ninguem entende, resurge na Camara e resvala para a imprensa, e, depois da solução que lhe deu, na monotona reunião dos paredros inter-estadoaes, a myopia do Sr. Xico-Salles, continúa insoluvel, reapparece grotescamente complicado na sua ridicula furia de tempestade a rugir dentro de um copo d'agua.

Os paredrinhos alagoanos deitam verborragia ás massas, e a gordura do Sr. Costa Rego, evoluindo para as dimensões obésas do Sr. Raymundo de Miranda, trescala cheiros oleosos e súa adjectivos que estremecem de indignação por serem alinhados sob a arbitraria subordinação a substantivos aos quaes se adaptam como botões de casacas a casas de ceroulas.

O Sr. Natalicio Camboim, com um ar de anniversario triste no rosto côr de pinhão descascado, assoma á tribuna do jornalismo e discorre com a elegancia de um sapato cambado a ranger e reranger pelas ruas, guardando o inquieto pé de um vagabundo que lhe houvesse posto meia-sola.

Emquanto, na Capital Federal, os eminentes estadistas mineiros reunidos sob a direcção do Sr. Xico-Salles, que os commanda com o simples mover dos olhos aureolados pelos aros de latão amarello dos seus oculos de caipira manhoso, dissertam sobre a salvação da terra em que nasceu Floriano e os desorientados representantes federaes do torrão em que nasceu Deodoro avançam com impeto de leão ferido e recuam com a presteza de gato escaldado, Alagôas, sem governo, marcha tão mal como se tivesse governo.

Em Matto-Grosso, para que o Senador Azeredo tenha um feudo sobre o qual appoie as suas brilhantes manobras de moralista empenhado em libertar a Republica dos deshonestos advogados administrativos, — ronca o páo, trôa o trabuco e morre gente.

A gente que morre em Matto-Grosso morre longe, em sitios desconhecidos, em rincões remotos e não póde impressionar os sensiveis corações que palpitam de indignação ante a cruel deshumanidade com que o governador Caetano de Albuquerque, sacrificando os interesses da especie humana, não quer entregar a sua cabeça ao magnanimo cutello dos redemptores do longinquo Estado cuja anarchia moral é tão grande, que os seus filhos já não querem soffrer a regeneradora canga do honrado vice-presidente do supposto senado brasileiro.

Santa Catharina e Paraná, apezar da visinhança de seus territorios, que se confundem, e dos bons officios do chefe supremo da nação, ficam cada vez mais affastados por causa destes bons officios, dessa confusão de limites e d'aquella visinhança de territorios.

Santa Catharina, pela voz do seu governo, com applauso de seus filhos, acceitou a proposta feita pelo governo federal para regular a sua velha questão de limites com o Estado do Paraná, mas os paranaenses, reprovando com furiosa gritaria a empenhada palavra do seu presidente actual, negam sancção ao accordo negociado.

São Paulo anda a olhar com estudada desconfiança para a gente dominante no Estado do Rio de Janeiro e alimentando a secreta esperança de engarrafar no canal do Mangue o enfunado galeão conductor das subsistentes ambições presidenciaes do *xiquismo sollico*, faz doces olhos enamorados á garridice matuta de Minas, e a bella Minas, esperando burlar as habeis esperanças paulistas, para conquistar a difficil confiança de São Paulo, finge publicos amúos com o Estado do Rio, mas passa-lhe por debaixo da mesa dos festins communs, os bilhetinhos geitosos com que as meninas casadoiras, antes de terem achado o noivo definitivo, alimentam o affecto dos pretendentes.

Cuida-se, nas altas espheras, das cousas superiores da politica, deixando-se, porém, em esquecimento, os aspectos menos digno della: — finanças, economias, industrias, commercio, instrucção.

Da questão financeira é natural e justo, por motivos de pudor, que não se cogite mais, porque só sendo possivel resolvel-a por meio de novos impostos atirados ao lombo das classes pobres e de novos córtes impostos aos funccionarios publicos, se taes impostos e taes córtes forem decretados, veremos, pelas ruas das nossas cidades, a gente do povo em trajes menores e nas festivas noites do Municipal encontraremos os funccionarios de calça de velludo e camisa de fóra.

Reservista á vista

— E' chic. Repára, Margarida. A figura garbosa do Barbosa com a farda parda e o porte forte.

DIALOGO

Salão nobre do *Jornal do Commercio*. Durante a realisação do concerto de Maurice Dumesnil. O ambiente vibra, cheio de perfumes e harmonias. As senhoras escutam. Os cavalheiros conversam.

UM CRITICO (*descontente*.) — Tive de grammar na chuva, para vir á tocata deste comilão.

UM POETA. — Tocata? Comilão? O Dumesnil?!

O CRITICO (*furioso*.) — Este Dumesnil é um sujeito de grandes pés e pança insondavel que se arrimou á reputação da Isadora e por isso consegue passar por grande pianista.

O POETA. — Que heresia!

O CRITICO. — Heresia, não. Escute. O Dumesnil está tocando os maxixes que a Duncan dansava.

O POETA. — Isto é demais. E' excesso de *blague*.

O CRITICO. — Excesso ha na conducta desse gastronomo. Emquanto os seus irmãos estão na linha de fogo, anda elle mundo afóra a desconcertar pianos com as suas manoplas de hercules de feira.

O POETA. — Eu hoje não te conheço.

O CRITICO. — E' que os senhores só vêm o lado material das cousas. Eu vejo o lado moral e acho que Dumesnil não devia tocar para a Isadora dançar, porque elle é mãe della!

O POETA. — Mãe della?

O CRITICO. — Filho...

O POETA. — Tem a certeza de não estar enganado?

O CRITICO (*furibundo*.) — Tenho a certeza de que este sujeito é uma besta.

O POETA. — Oh! Não acha que elle toca bem?

O CRITICO (*furibundissimo*.) — Sim, acho, mas por melhor que elle toque, para mim, será sempre uma besta.

O POETA. — Como? Porque?

O CRITICO (*furibundissimo*.) — Porque? Não sabe? Porque eu sou o maior critico do meu jornal e para entrar neste concerto fui obrigado a pagar seis mil réis.

O POETA. — E por isso...

O CRITICO. — Amanhã, no meu jornal, provarei que o Dumesnil, como pianista, é um fazedor de barulhos.

Um bispo austero e solene perguntava a uma menina, em uma escola cristã:

— Qual é a melhor preparação para o sacramento do matrimonio?

Imaginai o semblante do prelado quando a pequena de doze annos respondeu:

— Um pouco de namoro, monsenhor...

Freitas Guimarães, da Academia Paulista de Lettras, é um poeta que honraria a qualquer Academia, onde, ao contrario da Brasileira, o valor dos academicos fosse auferido, não pelo ditoso milagre da sciencia dos clinicos, porém por obras literarias.

O illustre poeta acaba de publicar um novo livro. *Ainda !...* cinzelado livro em que fulge a graça dos *Oasis*, esplende e retumba a *Ode a Bilac* e a *Terra promettida* floresce em opulentas galas.

Os versos do *Oasis*, são amplos, talhados com vigor, burilados com elegancia e na *Ode a Bilac*, o poderoso poeta paulista, cantando como um verdadeiro vate, produz uma admiravel synthese da obra poetica do excelso mestre á cuja palavra de fogo, nesta hora, vibram, nas cidades e villas do Rio Grande do Sul, as fortes populações a que a visinhança do territorio estrangeiro obriga á permanente vigilancia armada. No seu encanto, a *Terra promettida* é um lindo poema de amôr, de um sentimento elevado e communicativo.

Como o titulo deste seu novo livro parece indicar, Freitas Guimarães não é um estreante, pois já, em 1911, publicára — a *Fuga das Horas*, e antes desse volume, que bastaria para consagrar o seu nome de artista, deu ao publico os *Trechos do Chantecler*, a *Musa Nova* e, primeiro que todos, as *Estrophes*.

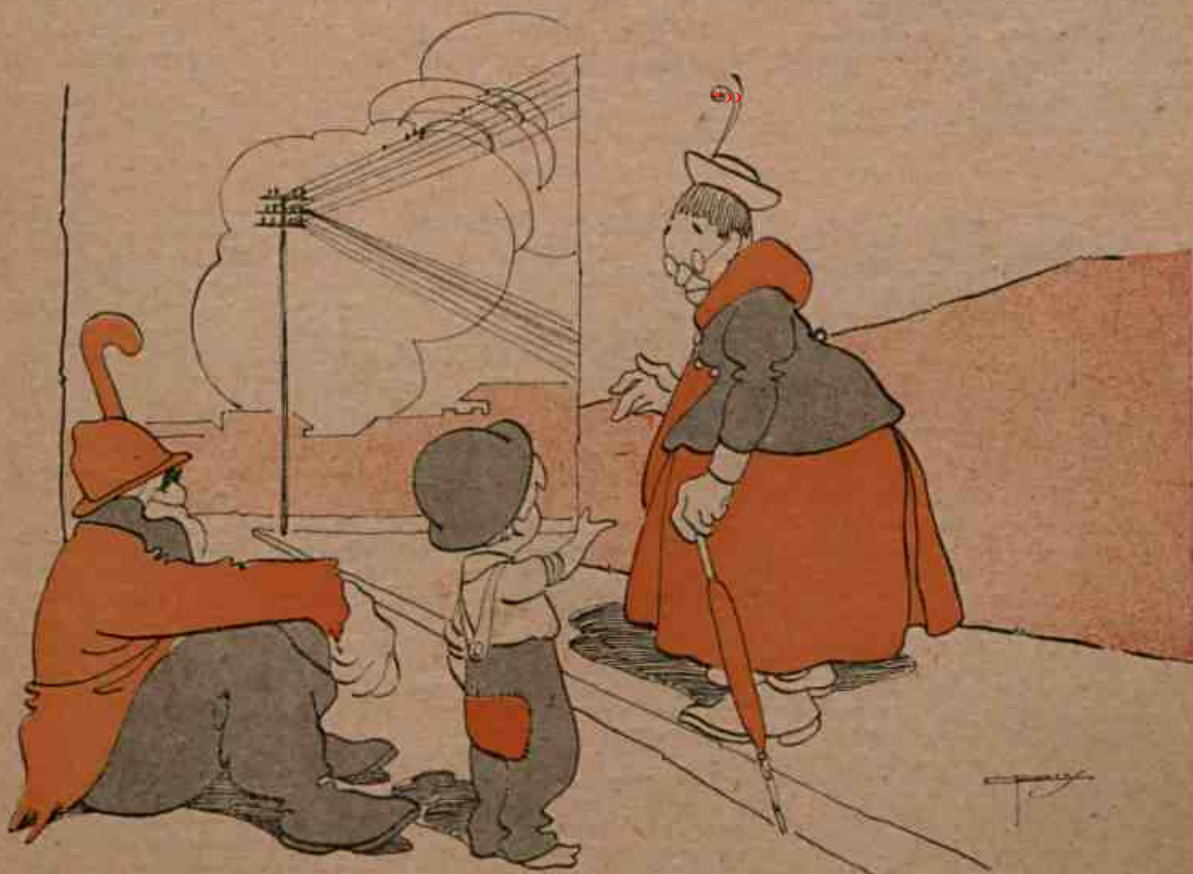
A Academia Paulista, admitindo em seu seio este operoso artista, consagrou a efficacia de um esforço triumphante e reconheceu, premiando-o, o merecimente de um poeta fecundo e fulgente.

Entre herdeiras bem dotadas

— Com que então, elle declarou-te o seu amor ? E que lhe respondeste ?

— Que não pensasse em mim, emquanto não conquistasse uma posição.

— Mas que disparate o teu ! Si elle tivesse uma posição, para que precisaria casar comtigo ?

MENDICIDADE

O PEQUENO — Uma esmola para um pobre orphão.
A VELHA — Esse velho não é teu pai ?
O PEQUENO — Sim, minha senhora. O orphão é elle.

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Journal hebdomadaire consagré aux interets de qui pagua bien

INDUSTRIE — COMMERCE — FINANCES — POLITIQUE — CAVATIONS

Apparait touts les sabbades — Organe allié

N. 1018 | 14 — October — 1916 | Prèce 300 rs.

ARTIGUE DE FOND

S'annunete une conspiration monarchique. Le devoir de republicains

Les journaux annoncièrent que la police andait dans la piste d'une conspiration promovue par elements militaires, tenant pour fin au que dixent les notices, proclamér le regime monarchique autrefois, derrubant le regime republicain qui dans l'opinion des conspirateurs et tantbien, devons accrescenter, dans la de diverses personnes que ne conspirent pas, déjà a donné caixe, et est definitivement condemné par grecs et troyens.

Nous, en general, n'acreditons pas dans les conspirations nationales dès les qui a promovu le colonel Ananias, en raison d'une par quinzaine. Nous sommes un peuve qui ne sabons pas garder secret, et les conspirations comme tout la gent est farte de savoir, seul triomphent quand est gardé le plus rigoureux secret. Les conspirateurs entre nous, content toute la conspiration aux amis dans les esquines, dans les cafés, dans les cinemes, avec touts les details, contant les recourses avec qui ils content, l'heure en qui dève rebenter, le nom de touts qui toment partie dans l'encrenque de manière qui même les journaux aucuns dies avant annuncient qui la Bernarde va sortir à la rue.

Mais ces ultimes temps est telle l'insistence avec qui se parle dans la restauration de la Monarchie qui nous, en qualité de journal franquement republicain julguons de notre devoir donner le grite d'alarme, chamant aux armes les republicans de conscience, historiques, prehistoriques, et même sans histoire pour defender le regime qui fait la felicité du pays et de nous touts, sans exception.

Notre devoir est de nous reunir en rode des chefs republicains defenseurs du regime, depositaires des principes democratiques, les qui se tiennent sacrifiqué par la pureté des dits principes, non poupant esforces pour les conserver indemnes.

Ces chefs sont, depuis da mort du chef des chefs general Pin Hache, le senateur Azerède, republicain sans macule, Borges de Medien chefe des positivistes du Fleuve Grand, Pires Ferrier, expoent des republicains militaires, cuje durindane est prompte a la defense du regime, et autres parèdres qui nous ne nomeons pas pourquoi les nomeer serait encher cette page de nomes.

Et les monarchistes qui sont ?

Une cambade de vagabonds qui ni vergogne tiennent, d'aspirer un roi quand la gent est tant meilleur avec un president.

Si nous n'estivessions pas dans le plenité du regime nous pouvessions par acas avoir gozé la falicité de tenir dans la presidence, comme premier magistrat de la nation un patriote tant esclareçu comme le marechal Font Sèche ?

Non, de certe.

Et seraient pourventure ministres dans un regime monarchique les dignes et patriotes estatistes comme Edwiges de Queiroz, Alexandrin, Vespasien et autres, patriotes qui tant dignifiquèrent le regime ?

Non, de certe.

Logue, comme dixait avec tante raison et en latin le docteur Seabre, nous devons aimer le regime republicain et detester le monarchique.

Aux armes, republicains, aux armes! Defendons le regime !

Meurant les infames monarchistes ! Vive la Republique.

Je même

LITERATURE, ETC

Quadres et quadrignes

Je dasejais etre boeuf ou vacque
Ou vaquette de tambour
Pour donner un grand bèrre
A la porte de mon amour !

Florian de Brit

AGRICULTURE ET INDUSTRIE

La culture de la batate

La batate est une plante tubereuse de la famille des scolopendres, genre humain, classe complementaire, espèce de chameau, conforme la classification moderne du plus celèbre producteur de cet utile tubercle le senateur et marechal Pires Ferrier.

Cette plante utile (continue a nous informer le sapreciable cultivateur) se plante de gaille et donne au fin d'une portion de temps. A de differentes qualités : batate frite, batate cousue, purée de batates, batate rouse, etc., etc.

L'arbre qui donne cet utile aliment en general ne crèsce plus de 5 mètres et ses fruits sont chamés batates. A l'occasion de la cueillete, se balance vigoureusemente l'arbre et les batates madoures tombent, fiquant seul les vertes dans les pieds.

La batate est une des verdoures plus apreciées dans le monde, et la preuve est sa grande production et consume; les telegrammes de la guerre faisent prevoir que l'Allemagne dans la conflagration europée se considerera vainque le die en qui falter la batate pour le consume de la population, pourquoi la courage des troupes seule est sustentée justement par la batate.

Nous ici produisons une portion considerable de batates.

Même dans cette capitale dans la région circondante du Senat, de la Chambre et du Conseil Municipale sa production est enorme ; mais n'est pas seule là, non. Autres lieux la produizent tantbien phenomenalement.

Enfin le futur du Brésil peut se considerer asssseguré avec la production de la batate, douce ou azède à la volonté du consumateur.

Continuant la guerre pour plus une dix ans comme s'espère, les producteurs de batates de l'Europe fiquant arruinés ou mourrant, nous poderons tenir le monopole de la production et notre crise financière de cette manière sera conjurée.

Telles furent les informations qui nous donna sur cette culture notre plus grand batatier marechal Pires Ferriera qui nous agradeçons d'ici transmittant au public ses judicieuses et utiles observations.

X. Boye

TELEGRAMMES

(Par fils special)

Manáos, 13. — Le pauve d'ici andè très satisfait de la vie avec lo notice de qui va avoir une encrenque politique avec le reconheçumunt des deux presidents Alcantare Bacellar et general Thaumaturge. Si avec un president la gent est bien qui dira avec deux ?

Recife, 13. — La notice de l'estrée du general Dantes Barrete dans le Senat a causé grande satisfaction au public qui pensait déjà qui le general avait perdu le folâgue.

Victoire, 13. — Continue le president Bernardin Montier à faire la felicité des peuves de l'Esprit Saint gouvernant avec la sabedourie qui tout la gent lui reconnait. Les negoces tiennent augmenté sensiblement.

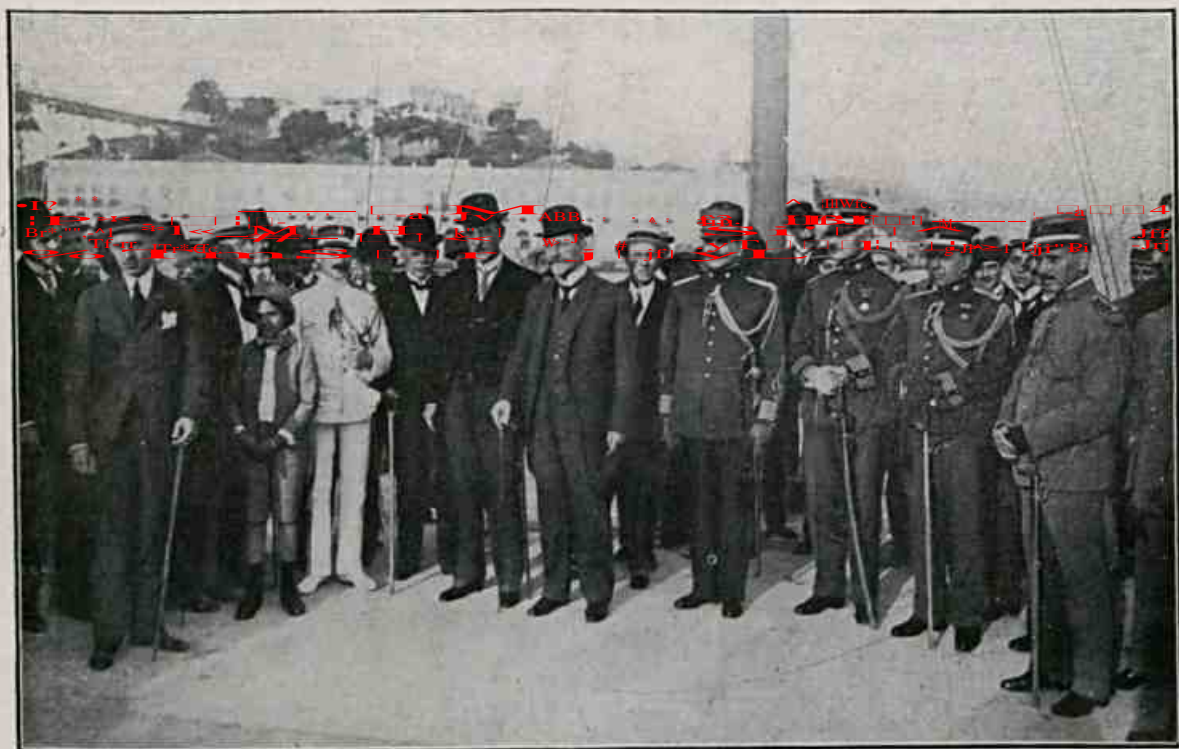
Curityba, 13. — Le peuve d'ici est danné avec l'accorde sur la question de limites segond affirment les journaux du patriotique parti du senateur Alencar Guimaraens.

Le president Camargue va fiquer dans le mate sans cachorre.

Florianopolis, 13. — Courre lo notice de qui le Paraná n'accepte pas la solution du litige de la question de limites. Ainsi ne val. S'il continuer a faire fites nous reclamerons du gouverno l'execution de la sentence du Supremo Tribunal.

Port Gai, 13. — Le general Salvateur Pin Hache a almocé et janté très bien. Les choses publiques tantbien von très bien. Tout va bien obrigué.

Paraná — Santa Catharina

Chegada dos governadores que vieram ao Rio assignar o convenio que resolve a velha questão de limites que separava os dois Estados

Coronel Felippe Schmidt, Governador de Santa Catharina.

Dr. Affonso de Camargo, Presidente do Paraná.

Homenagem ao Mestre

Emquanto Olavo Bilac percorre as lindas cidades do Pampa em propaganda patriotica, no Rio os seus confrades e discipulos acompanham-lhe o dedicado emprehendimento, seguem-lhe os merecidos triumphos e ouvem os échos victoriosos dos seus sagrados hymnos entoados á patria em todos os recantos queridos do Brazil.

Se a sua lyra encanta as gerações que passam e já desperta as gerações que vêm, a voz sincera e vibratil do patriota orchestrou na actualidade uma harmonia eterna, porque a ideia de patria é sempre eterna e a voz possante de quem souber interpretal-a, vibrando dentro de uma épocha como o coração em corpo vivo, terá a mesma duração heroica que a Patria amada tiver.

Rendendo uma solemne homenagem ao Mestre, um grupo de homens de lettras resolveu realisar em sua ausencia um festival artistico, que se effectuará no Casino Phenix na *matinèe* de 19 do corrente.

Tomarão parte nessa festa de belleza e arte, além da gentil poetisa Rosalina Coelho Lisbôa, os academicos Alberto de Oliveira, Coelho Netto e Emilio de Menezes, prestando tambem seu culto ao Mestre os poetas e escriptores Oscar Lopes, Luiz Edmundo, Humberto de Campos, Olegario Marianno, Bastos Tigre, o nosso companheiro Leal de Souza e outros.

Todos elles, celebrando na Musa o poeta homenageado, dirão versos do Mestre, terminando o festival com a peça do dia representada pela brilhante Companhia do Theatro Pequeno que alli funcciona.

Nas ilhas Canarias, muitos edificios são construidos de pedra-pomes.

NOTA THEATRAL

Casino Phenix — O Theatro Pequeno, cuja companhia cada vez mais conquista o publico, em lindas *matinées* e espectaculos de verdadeira arte, continua a sua serie brilhante de festas *chics*, atrahindo sempre uma assistencia elegante e educada sahida da élite social. Quinta-feira passada, em matinée infantil, houve nesse Casino uma dessas encantadoras reuniões, voltando á noite mais numerosa concurrencia.

VIDA DIPLOMATICA

O Dr. Mario Ruiz de los Llanos, novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina junto ao nosso governo.

Centro Artistico Juventas

Os Expositores

O jornalista levanta-se e vae conversar com o funccionario da Light que, depois de ouvir, attencioso e risonho, as eternas queixas contra a companhia, responde que a reclamação deve ser feita pessoalmente no escriptorio, á rua Marechal Floriano.

Lima regressa ao escriptorio, assenta-se, pega na penna: «No silencio propicio...»

— Looooteria da Capital Federal! Corre hoooooje! gritam á janella.

— No silencio propicio dos demonios do inferno! exclama o escriptor, atirando a penna e sahindo para a rua como um furacão.

C. B.

Toda a felicidade do homem depende d'elle proprio.

Marco Aurelio

No silencio propicio do gabinete

Com as tiras de papel na sua frente e a penna suspensa sobre ellas, o litterato J. Lima, no escriptorio que dá para a rua, começa a escrever a sua chronica diaria para o jornal: «No silencio propicio do meu gabinete...»

— Papae! — grita uma voz infantil, me dê a minha boneca que está em cima da sua mesa...

— Tome a boneca e me deixe. Não me interrompa mais quando eu estiver escrevendo... Em que ponto eu estava?... Ah! sim!... «No silencio propicio do meu gabinete...»

Agora é a voz da mulher que exclama:

— Lima, parece que ha uma fuga de gaz na sala de jantar. E' preciso quanto antes avisar a companhia!

Aspecto do salão, no dia da inauguração

O escriptor contem um gesto de impaciencia e molha a penna, quando gritam á janella:

— Peeeeeeixe! Camarãããããão!

Levanta-se furioso para despedir o peixeiro, que lhe diz:

— Patrão, vim buscar a conta de hontem!

O infeliz paga e volta de novo ao trabalho: «No silencio propicio do meu gabinete...»

— Ahi está o cobrador do gaz, exclama a mulher batendo á porta. Venha você mesmo fazer a reclamação. Essas cousas competem aos homens!

No hospital

Um pobre diabo que está num hospital, indaga da enfermeira de quem são os retratos que guarnecem a sala.

— De bemfeitores, responde ella. Este deixou ao hospital cem contos; aquelle, duzentos; aquelle outro, muitos predios.

O doente dá um suspiro:

— Eu deixarei muito mais!...

— O senhor é rico?

— Deixarei a minha pelle!

ORACULO

DOMINGO. — Rebentará, na Inglaterra, uma revolução para desthronar o Imperador Guilherme II, da Allemanha e estourará em Berlim uma revolta para depor o Presidente Poincaré.

SEGUNDA-FEIRA. — Será remettido para Londres, o producto da ultima festa alliada que se realisou, a 25$000 a entrada, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e seguirá para Berlim a importancia do ultimo emprestimo arrancado aos belgas.

TERÇA-FEIRA. — Será publicada a nova proclamação dirigida pelo rei Jorge ao R ino Unido da Gran-Bretanha e da Irlanda, — Imperio das Indias, Dominio do Canadá, colonias da Africa e colonos do Brasil e apparecerá a fala do Imperador Guilherme aos allemães da Europa e da America.

QUARTA-FEIRA. — Sir Douglas, generalissimo britannico, escolherá as tropas coloniaes que deverão perecer na proxima batalha da Picardia e von Mackensen designará as forças bulgaras que deverão ser batidas na Dobrudja.

QUINTA-FEIRA. — Grande batalha na Picardia, em que os inglezes vencerão os allemães, perdendo apenas quatro mil canadenses e aprisionando seis mil cadaveres de turcos que morreram pelos teutões.

SEXTA-FEIRA. — O communicado official inglez, deixará ver que, para demonstrar a sua brilhante superioridade sobre o inimigo, a Inglaterra continuará a bloquear a Hollanda e o communicado allemão mostrará que para provar que não esta boqueada a Allemanhã meterá a pique os navios neutros.

SABBADO. — Realisar-se-á em todo o Brasil e nos outros paizes neutros, a festa da *Black-list* e dos submarinos mercantes.

MME. DE THEBES

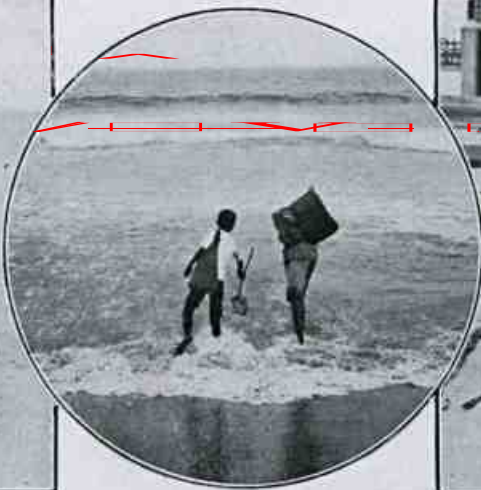
Um sujeito com cara de poucos amigos chegou a uma farmacia do Cattete e pediu uma gramma de cocaina.

O farmaceutico o mirou meio desconfiado. As reportagens dos jornaes e a celeuma levantada a proposito da venda indiscriminada de toxicos o tinha tornado cauteloso. Demais o freguez tinha uma cara de fome de tres dias ou de sujeito que esqueceu o caminho do barbeiro. Por fim respondeu :

— Não tenho. Isto é, tenho mas não vendo este veneno sem prescripção medica.

— Pois então o senhor me acha com cara de quem quer suicidar-se ? perguntou o freguez.

— Não digo isso, respondeu o farmaceutico, mas se eu tivesse sua cara eu seria tentado a fazel-o.

Na hora do Footing

Como se formou o abecedario

Ha alguns annos, passando eu pelo arraial de Nossa Senhora da Bocca do Onça, em Minas, fui visitar na escola local o velho professor Polycarpo Cansansão Lagarcha, que fôra meu mestre de primeiras Letras ha bons vinte annnos, em Diamantina.

A escola d'aquelle povoado era a imagem perfeita da que eu conhecera em minha terra. Uma sala estreita, com pouca luz; alguns bancos toscos onde se assentavam os meninos; na parede um antigo mappa do Brasil e gravuras representando diversas phases da vida do Filho Prodigo; um quadro negro no respectivo cavallete; no estrado a mesa do professor, repleta de uma infinidade de objectos: livros, cadernos, regua, campainha, lapis, caneta, tinteiro, etc. A um canto, a terrivel vara de marmelleiro com uma bóla de cêra na ponta; em cima, dependurados de um prégo, dous pequenos rectangulos de madeira, tendo um delles escripta a tinta a palavra LONGA, em grossos caractéres, e o outro apalavra BREVE.

Quando um alumno precisava retirar-se da escola por pouco tempo, o mestre dava-lhe a *Breve*; si por tempo mais demorado, recebia a *Longa*. E assim nunca havia fóra da aula mais que dois meninos.

Ao entrar na escola, fui gentilmente recebido pelo velho professor Lagarcha o «tio Lagarto» como o chamavamos antigamente). Para me provar o adiantamento dos seus alumnos, o meu ex-mestre chamou um menino de seus 12 annos, esperto e desembaraçado e lhe disse:

— Antonico, este senhor aqui foi tambem meu discipulo. Quero que você lhe prove que o velho Polycarpo ainda sabe ensinar. Vamos lá! Como se formou o alphabeto?

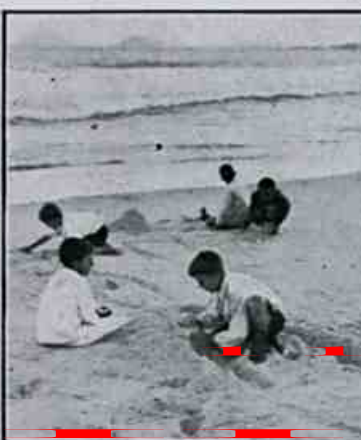
Sem titubear, o Antonico começou a recitar, como si fosse uma licção préviamente decorada:

— Adão, no praizo, ao acordar e ao vêr junto de si sua companheira, exclamou: AH! Eva, ouvindo-o, disse espantada: EH! Os dois, vendo que estavam nús, começaram a rir: IH! Depois de comerem a maçã, disseram: OH! E vendo o crime que tinham commettido, exclamaram: UH! E foi assim que appareceram as primeiras vogaes do alphabeto.

Olhei espantado para o professor. E o velho Polycarpo me disse, impando o peito de satisfação:

— Hein? Que talento! Que memoria!

C.

INSTANTANEOS Á BEIRA MAR

A obra de Olavo Bilac

Primeiros fructos da grande obra do Idolo da Mocidade

A dama do boulevard...

Todas as tardes de bom sol, quando a avenida Rio Branco mais se vai enchendo de elegancia e graça, apparece entre os passeantes aquella linda rapariga loira, estaca ás vezes ante uma vitrine de bugigangas e some-se sempre mysteriosamente como as essencias fortes.

A primeira vez que a encontramos, percebemos que alguns fidalgos moços de bôa familia atiravam-lhe galanteios picantes, outros mais audaciosos amoldavam os pesados pés ao rythmo sensual de seus leves passos, destacando-se entre estes um rapazola esguio de monoculo e frack preto que chegou mesmo a declarar antecipadamente aos amigos a sua victoria sobre esta creatura — devido «a sorte que tinha com mulheres.»

Guiados talvez pelo dogma da fatalidade, cada vez que vamos á avenida Rio Branco pela tarde, divisamol-a sempre entre os passeantes e observamos o mesmo grupo de *dandys* perseguindo-a com suas chufas sentimentaes — mas o seu minusculo porte lembra-nos tanto uma figurinha gentil que vimos numa revista de Modas com o titulo de — *a dama do boulevard* — que resolvemos dar-lhe essa legenda.

Verdade é que nunca ouvimos aquella linda desconhecida corresponder aos galanteios de seus jovens perseguidores. Pelo contrario, sempre muito sériasinha em seu suave andar senhoril, ella passa entre elles tão indifferente, que mais parece uma boneca automatica do que propriamente uma mulher mesmo sem alma.

Quem não se conformava com essa indifferença, era o rapazola esguio de monoculo e frack preto — e uma tarde resolveu contar-lhe as maguas e lá se foi pisando a minuscula sombra da rapariga.

Em sua frente, passo musical e olhar travesso, ella seguia o seu destino ignorado.

O rapazola, acompanhando-a, cada vez mais perto della bufava, e mal percebeu que ella podia ouvil-o, exclamou:

— Senhorita !...

Ella estacou surpreza, mas vendo-o chegar tão agitado, perguntou-lhe interessada:

— Precisa dos meus serviços ?

O rapazola, julgando a conquista feita, gritou-lhe cheio de jubilo, emquanto procurava beijar-lhe as mãos:

— Leve-me para o ceu, senhorita.

Ella soltou uma sonora gargalhada e replicou-lhe com desembaraço:

— Não sou senhorita, meu rapaz, e em meu officio só transporto creanças do ceu á terra.

E retomando a sua linha senhoril continuou o seu caminho.

Um senhor respeitavel, que viu a scena, apenas a linda rapariga affastou-se, approximou-se do rapazola ainda estupefacto e assoprou-lhe ao ouvido:

— Ella é parteira.

Depois desse singelo episodio, nunca mais vimos os *dandys* da avenida Rio Branco mexer com aquella linda rapariga loira, mas persistimos em dar-lhe a legenda ephemera que lemos numa figurinha da moda parecida com ella — mesmo porque, em sua laboriosa vida talvez honesta, ella jamais passará de *uma dama de boulevard.*

Entre candidatos a emprego

— Então, ficou outra vez mal classificado no seu concurso ?

— E' verdade ! Imagine você o meu caiporismo: fizeram-me exactamente as mesmas perguntas que da primeira vez.

O tribuno dos largos...

Nunca d'antes viramos este fogoso tribuno no seu publico mistér. No entretanto, tal era a attenção dos curiosos em torno de sua pequenina pessôa, que percebemos logo não se tratar de um qualquer Irineu Machado, tanto mais que elle parecia ter noção do que fosse asseio — estava de barbas cortadas.

Paramos tambem para ouvil-o. Elle não gritava muito, mas fazia gestos em abundancia. A multidão augmentava. Em dado instante, o tribuno perfilou-se mais e soltou algumas phrases que conseguimos apanhar intactas :

— Eu sou o orador expontaneo dos largos... Falo por amor a arte e não como faz o meu confrade Azeredo... para explorar o povo.

Gostamos da franqueza do tribuno e iamos chamar o photographo para lhe apanhar o dedicado vulto em plena funcção patriotica, quando um gaiato berrou-lhe do meio da multidão :

— Olha que quebra a chapa do gramophone !

O tribuno calou-se, levou a mão aberta á testa e deu um profundo suspiro :

— Ainda não sou deputado...

Toda a assistencia riu e o gaiato que o aparteára, julgando esse riso devido ao successo de seu aparte, poz-se nas pontas dos pés, fez um canudo com ambas as mãos na bocca e insistiu com voz mais forte :

— E porque não és ?

O tribuno fez um grande gesto e baixando a cabeça com commovedora resignação balbuciou :

— Porque ainda estou ensaiando perante o meu eleitorado os debates do Congresso.

Passava na occasião o sr. Celso Bayma vigiado de perto por uma ama secca polaca. Ouvindo o que o orador dizia, o diplomatico mancebo em vez de perguntar pela policia, correu a procura de uma pedra e como não a encontrasse, atirou com força o chapeu sobre o asphalto clamando desesperado :

— Não ha pedras nesta cidade !

E foi assim que, passando pelo largo da Carioca, colhemos mais uma personalidade illustre para a historia da Republica : o tribuno dos largos.

As grandes obras são executadas não pela força, mas sim pela perseverança.

JOHNSON.

— Nunca vi o nosso amigo Virgilio tão triste e desapontado como hontem, que o jornal publicou pela primeira vez uma sua poesia.

— Porque? Algum erro tipografico grave?

— Não. O que o humilhava era vêr que o jornal se vendia a tostão, como nos outros dias.

INSTANTANEOS

Um sonho indiscreto

O facto que se segue me foi referido, ha alguns annos, por um filho de um antigo ministro do Imperio.

Certa noite, no anno de 18.. estava reunido todo o gabinete, sob a presidencia de D. Pedro II, afim de tratar de uma importante questão internacional.

O ministro do Estado, sr. J. M. M começou a expôr a sua opinião sobre o assumpto, lendo uma série de tiras que havia préviamente escripto. O imperador e os ministros escutavam attenciosamente a leitura.

Num momento, o velho monarcha notou, com espanto, que o conselheiro X. dormia beatificamente, de olhos cerrados. D. Pedro fez então um signal a um visinho do dorminhôco, para acordar este.

O visinho tocou-lhe ligeiramente com o cotovello. O conselheiro X. continuou a dormir. Nova cotovellada, um pouco mais energica, mas igualmente inutil. Afinal, o ministro poz a mão no joelho de X. que desperta sobresaltado, exclamando em voz alta:

— Não me faça cócegas, Lôlasinha!

Essa *Lôlasinha* era uma hespanhola de uma belleza triumphal, celebre nos annaes do segundo imperio pelas paixões que despertou, e que morava então á rua Sete de Setembro.

Imagine-se o escandalo d'aquelle sonho indiscreto, numa sessão do Conselho de Estado, em presença do puro e austero D. Pedro II!

C.

Festival beneficente

Na noite de 7 do corrente, no Theatro Municipal, perante uma assistencia que a chuva não impedio de ser numerosa, realisou-se o grande festival promovido em beneficio da Cruz Vermelha Ingleza e da Cruz Vermelha Franceza.

O programma desse brilhante festival foi organisado com carinho e executado por entre applausos.

Maurice Dumesnil, o eminente pianista, Arthur Napoleão, o consagrado mestre, as distinctas senhoritas Carmen e Elvira Braga, o Sr. Nascimento Filho, as Sras Milheiros, Gomes de Menezes e os Srs. Manoel e G. Dufreiche incumbiram-se da realisação da primeira parte do programma. Na segunda, cavalheiros e senhoras inglezas exibiram-se formando quadros vivos, ao som de canções interpretadas pela Sra. Nicholson e pelo Sr. Manoel.

Os hymnos das canções alliadas soaram magestosamente executados pela banda brasileira do corpo de bombeiros e as suas notas encheram o artistico ambiente do Theatro Municipal, ecoando como gloriosos accentos de victoria.

Uma grande alegria, emquanto lá fóra, a chuva alagava as praças e innundava as ruas, fulgia nos corações dos assistentes e palmas fragorosas coroaram as exhibições esthetícas dos cavalheiros e das damas que se transformaram em artistas, para beneficiar as victimas da guerra.

Essa festa, que a alta sociedade brasileira prestigiou com alegria e enthusiasmo, esteve fulgurante.

Festival da Cruz Vermelha Ingleza e Franceza

Quadros vivos

Numa reunião familiar

— Minha senhora, dizia um rapaz elegante a uma formosa moça, parece-me que eu e a senhora poderiamos estar sempre de perfeito accordo...

Ao que ella responde com certo desdem :

— Eu não desejo casar !

— Nem eu ! Por isto disse á senhora que estariamos sempre de accordo !

A GUERRA

O general Georgescu, um dos chefes do exercito roumaico

O general roumaico Averescu

General T. Popovius, do exercito roumaico

O rei Fernando, da Roumania

General Culca, do exercito roumaico

Da "*Information Universelle*"

O bello assalto de Maurepas

A aldeia de Maurepas estava defendida pela primeira divisão da guarda prussiana. Tendo chegado, pouco antes, á linha do Somme, fôra mantida em reserva entre Combles e Péronne, até á ante-vespera do ataque.

A actividade crescente da artilharia franceza, no sector de Maurepas, decidiu, então, o commandante allemão a confiar a esse corpo famoso a defesa da parte septentrional da aldeia, na qual se mantinham, havia uma semana, elementos da 12ª divisão bavara.

A substituição das tropas se operou sob a protecção de um bombardeamento intenso, que fez suppôr, em determinado instante, a imminencia de um ataque allemão.

Este não se produziu; e a 11 de Agosto, ás 17 horas foi, ao contrario, das trincheiras francezas que partiu o signal do assalto.

As vagas avançaram com uma rapidez maravilhosa. Ellas se alastravam sobre as trincheiras allemãs, por successivas companhias. Os «pelludos» davam prova de extraordinario denodo. Não cantavam, mas tinham nos labios a «blague» e o bom humor dos bellos dias. O impulso foi irresistivel.

As 17 horas e 30, a parte norte de Maurepas estava em poder dos soldados de 20º corpo. As 8 horas e um quarto, tinham sido attingidos com perdas diminutas, todos os objectivos assignalados pelo commando.

Em nenhum ponto, salvo em um, o inimigo havia podido efficazmente defender-se. Os soldados da Guarda só tinham opposto uma resistencia séria n'uma agglomeração do arrabalde, algumas casas em ruinas, no cruzamento das estradas, de Combles e de Forest.

Ahi, foi preciso emprehender um verdadeiro assedio, que terminou pela captura de 180 prisioneiros, unicos sobreviventes do 3º batalhão do 9º regimento.

Como Hardecourt Estrées, Poziéres e, de um modo geral, todas as aldeias da linha do Somma, Maurepas achava-se defendido por um numero extraordinario de metralhadores. O algarismo de 10, indicado pelo boletim, é, evidentemente, muito inferior á realidade, porquanto não leva em conta numerosas metralhadoras, muitas dezenas, sepultadas nas ruinas ou encontradas fóra de uso.

A 11, no fim de dia, a infantaria franceza occupava uma linha recta que, partindo da pequena estrada de ferro economica de Combles a Péronne, terminava nas immediações da aldeia de Forest.

Combles se achava, desde então, directamente ameaçada.

Ao mesmo tempo, outro regimento, de infantaria, em que o enthusiasmo da classe 16 se alliava á experiencia e ao valor de seus irmão d'armas mais velhos, penetrara na região do bosque de Hem.

De um só salto, elle se apoderava do ponto de apoio constituido pelos pequenos bosques do norte e a pedreira, descia no caminho e, atravessando o bosque de Hem, inteiramente expellia d'ahi o inimigo e se estabelecia além da via do caminho de ferro de interesse local Clery-Combles.

A 12 as mesmas tropas continuaram a sua marcha favoravel, atacando a trincheira allemão a oéste do bosque dos Riez, adeante da estrada Clery-Maurepas.

Logo que ahi chegaram os elementos da direita, escreve uma testemunha, se acharam sob o fogo das metralhadoras allemães pois o preparo da artilharia, embora pujante, não havia podido destruil-as todas. Os elementos da esquerda, que mais soffreram a acção do fogo, se tinham mantido no terreno, com magnifica coragem. Tendo chegado em frente ao fortim, a extrema esquerda havia progredido pouco a pouco, não obstante a chuva de projectis, até 30 metros das metralhadoras. Uma parte da trincheira inimiga estava já tomada. Deante da parte que ainda resistia, um combate a granada se travou, encarniçado, durante a tarde de 12, a noite de 13 e todo o dia de 13, com gloriosos episodios.

Dez homens, commandados por um alferes, permaneceram, durante vinte e quatro horas, a dez metros em frente ao inimigo. Em outro ponto, um tenente subiu ao parapeito da trincheira conquistada para dar as suas ordens; uma bala lhe arrancou uma parte do couro cabelludo. Submetteu-se a um rapido curativo, voltou, animou os seus soldados, apoderou-se de uma espingarda, visou os allemães que fugiam. Uma segunda bala feriu-o no braço. Elle se retirou, cheio de colera, e os seus homens enthusiasmados, mantiveram-se na posição conquistada e repelliram todos os assaltos.

Deante do fortim, um official allemão, carajoso, apresentou-se com uma metralhadora. Um dos nossos soldados enviou-lhe uma granada em pleno peito, mas o projectil não rebentou. O allemão apanhou-o e, com um sorriso, estendeu-a ao francez. Uma segunda granada o esmagou sobre a metralhadora.

Mais longe, um commandante de companhia, que entrara na trincheira allemã, chamou dois agentes de ligação. Deu ordens, que elles repetiram na sua presença. Um grande obuz rebentou, matando os corredores. O capitão chamou quatro outros; repetiu a ordem: um segundo obuz matou os quatro soldados. Por um feliz acaso, o capitão é salvo. Dois corredores vêm substituir os camaradas mortos. Ainda uma vez, a ordem dada se repete. Os homens partem, executam a missão e, durante 24 horas, a lucta continua, cheia de façanhas analogas.

Quando um homem não pode attingir á extensão de seus desejos, pode dar-lhe remedio fazendo-os mais curtos.

Cowley

A polidez faz com que o homem pareça, por fóra, aquillo que devia ser por dentro.

La Bruyère

A satyra é uma especie de espelho, onde aquelles que o fitam descobrem a cara de toda a gente, menos a sua.

Swift

A GUERRA

Os novos apparelhos da guerra. Canhão de 240 Camouflé.

Os musicos ambulantes...

Um nosso companheiro, amigo intimo das Musas, detesta a musica de soppro e sobretudo as orchestras ambulantes quando no final do concerto surge-lhe á frente, com um pratinho de latão na ponta dos dedos e a rabeca debaixo do braço, o maestro dos concertistas.

Sabbado passado, sentado numa mesa da Brahma, o nosso companheiro mastigava com delicia um churrasco atufado em farófa, quando a orchestra austro-allemã, instalando as suas estantes ante a janella, da banda de fóra, rompeu um tango.

Pouco depois, de mesa em mesa, lá andava o *maestro* em cata de nickel.

O freguez que se sentára ao lado da mesa que occupava o nosso companheiro, mal o musicista lhe esticou o pratinho de latão, interpellou-o bruscamente :

— Você é francez ou allemão ?...

— Sou allemon, senhorr...

O outro franziu a testa, fechou o rosto e fez com a cabeça um signal negativo.

O maestro dirigiu-se então á mesa do nosso companheiro, o qual sorriu victoriosamente disposto a seguir o exemplo do visinho :

— Você é...

O maestro não lhe deu tempo de terminar a phrase. Limpou o peito, deu ao corpo um gesto significativo de superioridade e exclamou :

— Yo *está* um *franciu* desterrade pelos allemons, senhorr...

O nosso companheiro coçou a cabeça, engasgou-se com a farofa e terminou depositando no pratinho de latão do musico um de seus mais preciosos nickeis de duzentos réis — o destinado a Cupido pelo telephone mechanico da Galeria Cruzeiro...

Entre litteratos

— O scelerado do teu ultimo romance está magistralmente delineado. Onde foste estudar tão completamente aquelle typo ?

O romancista : — Imaginei um homem dotado de todas as perversidades que minha mulher me attribúe, quando se enfurece commigo.

— Foram dizer ao escriptor X. que um collega delle, para o deprimir, dissera num circulo de litteratos que o havia connhecido com as botinas rotas.

O escriptor limitou-se a replicar serenamente :

— E ninguem o póde dizer com maior conhecimento de causa ; porque nesse tempo, era elle quem m'as concertava.

INSTANTANEOS

Marido e mulher, ao jantar

O marido : — Isto é insupportavel ! A sôpa estava muito salgada ; a carne, queimada ; as batatas, cruas ; o peixe, ardido e cheio de escamas... E' necessario, hoje mesmo, despedir a cosinheira !

A mulher : — Já a despedi hontem. Quem hoje cosinhou, fui eu.

Energia, vencedora do Classico «Importação» — Interview, vencedor do G. P. «Imprensa Fluminense»

Grupo da directoria do Jockey-Club, e representantes da Imprensa Carioca

No Prado Fluminense, aberto o dia com sol festivo, os amantes do sport reuniram-se e registraram domingo passado algumas horas de funda emoção, pois a *élevage* nacional marcou mais de um grande successo, provocando intenso jubilo entre os nossos *turfmen*.

As duas grandes provas da festa, representadas pelo grande premio IMPRENSA e o classico IMPORTAÇÃO, disputados com ardor pelos corredores, foram brilhantemente ganhos por animaes nacionaes.

O classico IMPORTAÇÃO coube a uma cria pampeana da Granja de Pedras Altas do dr. Assis Brasil e o primeiro ao bello alazão das haras paulistas do Coronel Juliano Martins de Almeida. O *Interview* venceu sem esforço os afamados animaes inglezes Pégaso, Buckless e Paraná.

Antes da corrida, reunindo-se em poetico pavilhão, a directoria do Jockey-Club offereceu um almoço á imprensa, correndo elle tão animado e cordeal que bem mereceu o prazer experimenta com a victoria alcançada pouco depois na pista.

Aspecto da mesa durante o almoço que a directoria offereceu aos redactores esportivos

CONCURSO DE PROBLEMAS

Já nesta semana recebemos maior numero de soluções. Soluções verdadeiras? Nem todas o são, ou, para falar verdade, poucos acertaram.

No entanto parece que nunca se fez um concurso de problemas tão faceis. Muitos solucionistas procuraram soluções complicadas, esquecidos de que, conforme já declaramos, este concurso é accessivel até aos pequenos de escola, desde que sejam vivos e atilados.

Damos hoje os quatro problemas finaes do concurso, e receberemos as soluções, não só destes como da série completa, até o dia 19.

Deante desta facilidade, quem não tentará ganhar o premio da *Careta*?

N. 7 — Fazer vinte com quatro 9.

N. 8 — Quatro patas sobre quatro patas. Quatro patas chegam, quatro patas vão-se. Quatro patas acompanham, quatro patas ficam. Que quer dizer isto?

N. 9 — João e Maria têm cada um 1 cesto de laranjas. Se ella lhe der uma laranja, elle fica com o dobro das della.

Se elle lhe der uma das delle, ambos ficarão com igual numero de laranjas.

Quantas laranjas ha em cada cesto?

N. 10 — Fazer o impossivel.

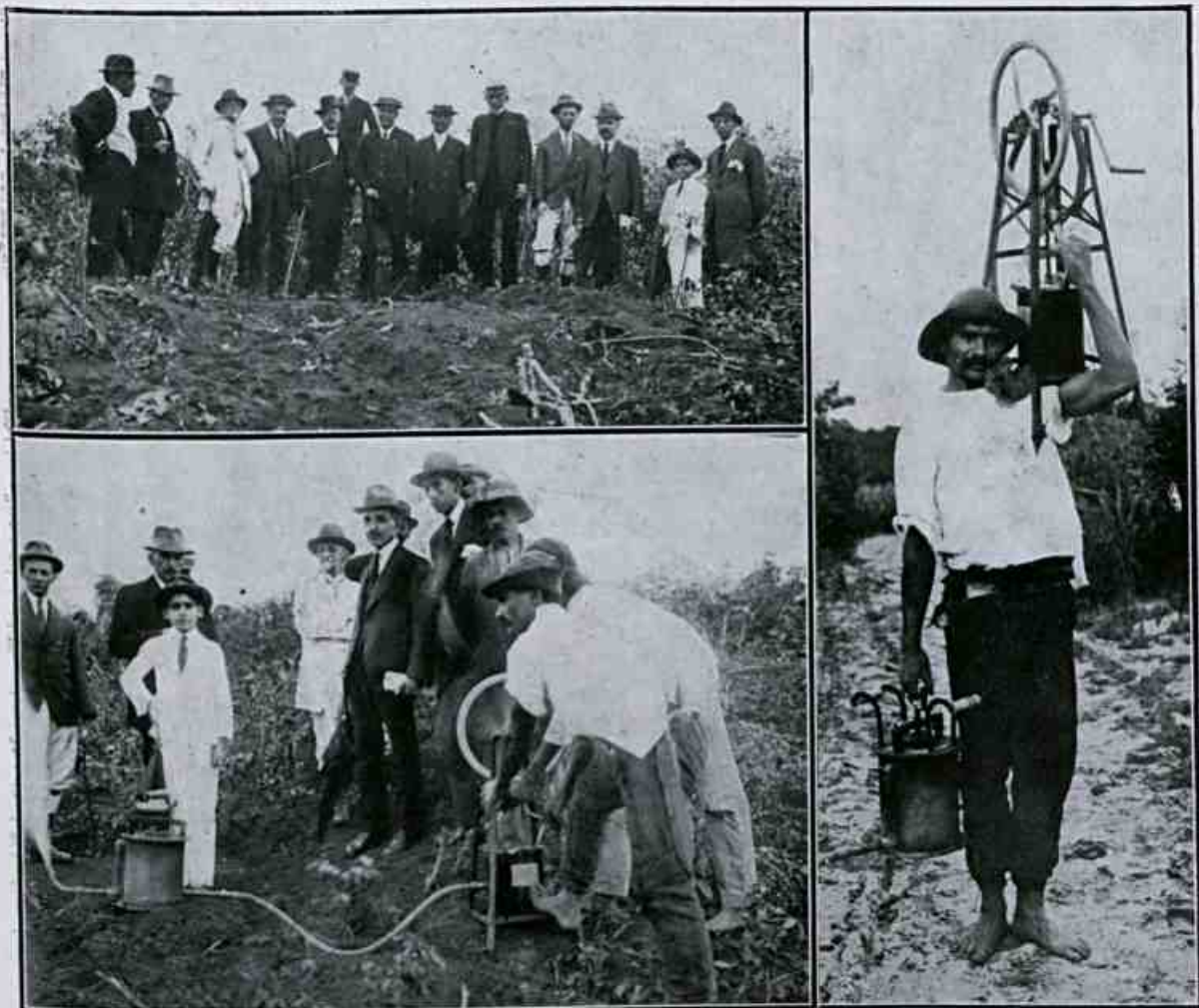
Coloque-se na mesa um niquel de 400 réis, por cima deste um de 200, e por cima outro de 400. Pode-se tirar o de 200 do meio dos dois sem tocal-o? Parece impossivel, mas não é.

Como se faz?

Alumnas da Escola Normal «Sagrado Coração de Maria» de Ubá

AS FORMIGAS SAÚVAS

Novas experiencias do "Formi-Extinctor-Americano"

NO REALENGO

I — Grupo tirado na fazenda do Dr. Aristides Caire, no Realengo, vendo-se o terreno excavado pelas formigas saúvas, em cujos arredores estavam as folhas cortadas pelos terriveis inimigos da agricultura.

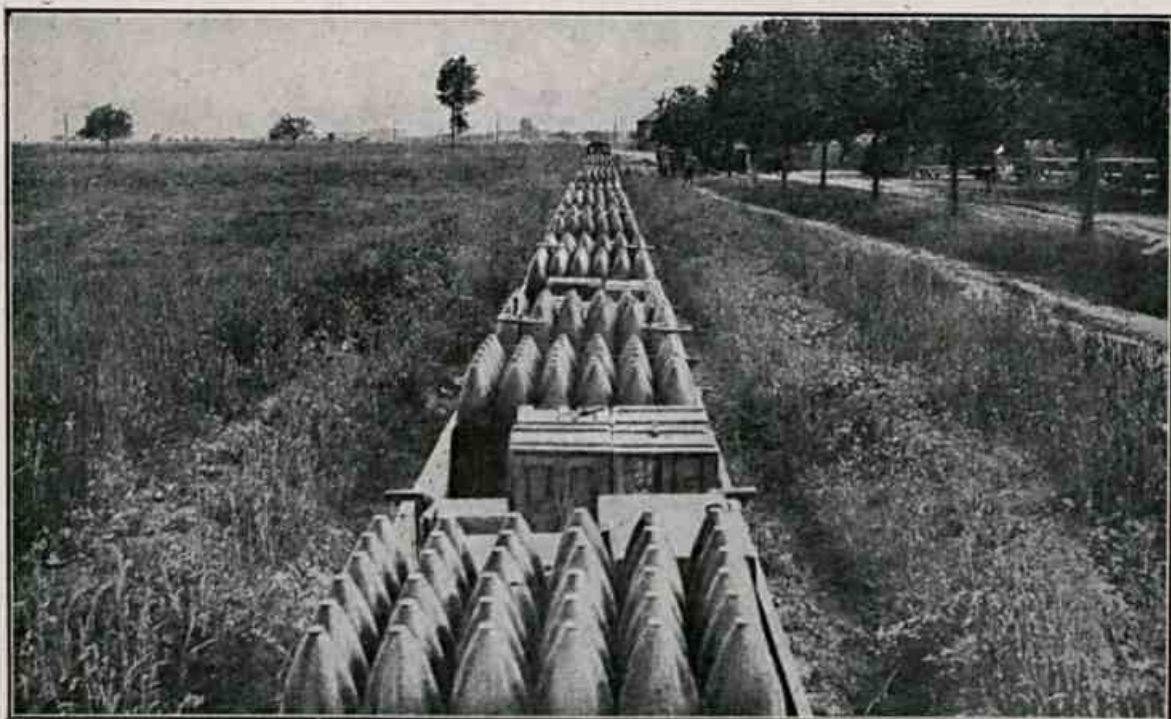
Nesse grupo vêem-se o representante do Ministro da Agricultura, o inventor do apparelho e pó extinctores, os incorporadores da Empreza, jornalistas, agricultores e convidados.

II — Applicação do apparelho *Formi-Extinctor Americano*, sobre um grande formigueiro da referida fazenda.

III — Um trabalhador rural, conduzindo o apparelho *Formi-Extinctor-Americano*.

Continúam as victoriosas experiencias de exterminio das formigas saúvas, esse flagello da nossa lavoura e dos nossos jardins e pomares.

No dia 6 do corrente foi com exito realizada uma prova publica do apparelho *Formi-Extinctor-Americano* e do pó formicida, de igual nome, producto brasileiro, privilegiado pelo Governo Federal. Foi escolhida para campo de demonstração a fazenda do Dr. Aristides Caire, no Realengo, em cujos terrenos foram destruidos varios formigueiros antigos, que haviam resistido a outros processos conhecidos de formicidas. A's 2 horas da tarde começou a applicação, que terminou ás 3, com verdadeiro successo, presenciado por varias pessoas, inclusive o representante do Sr. Ministro da Agricultura.

A GUERRA

Um comboio de projectis de artilharia pesada, dirigido para a frente do Somme.

Um menino intelligente

O dr. Zenobio, obscuro bacharel e advogado sem causas, conseguira casar-se com a formosa Idolina que lhe levára um dote de mais de mil contos.

Após o casamento, o advogado *in partibus*, cujo escriptorio continuava desoladamente vasio de clientes, passou por uma verdadeira metamorphose, como certas larvas que depois se transformam em brilhantes insectos: roupas finas, joias caras, automoveis, corrida de cavallos, ceias nocturnas em clubs elegantes, etc., etc.

Certa occasião, o dr. Zenobio e a esposa foram visitar em S. Christovão uma familia de suas relações, as Mendes Neves. No correr da palestra, Mme. Mendes Neves não se cançava de elogiar o adeantamento do filho, Paulo, de 10 annos, alumno do Collegio Pedro II, que se achava presente. O pae, lisongeado com o progresso do filho, mostrou mesmo aos visitantes um thema d'elle sobre mythologia greco-romana.

O advogado, querendo mostrar-se amavel, perguntou ao pequeno se sabia quem tinha sido Atlas.

— Era um gigante que se imaginava sustentar o mundo. — respondeu o menino estudioso.

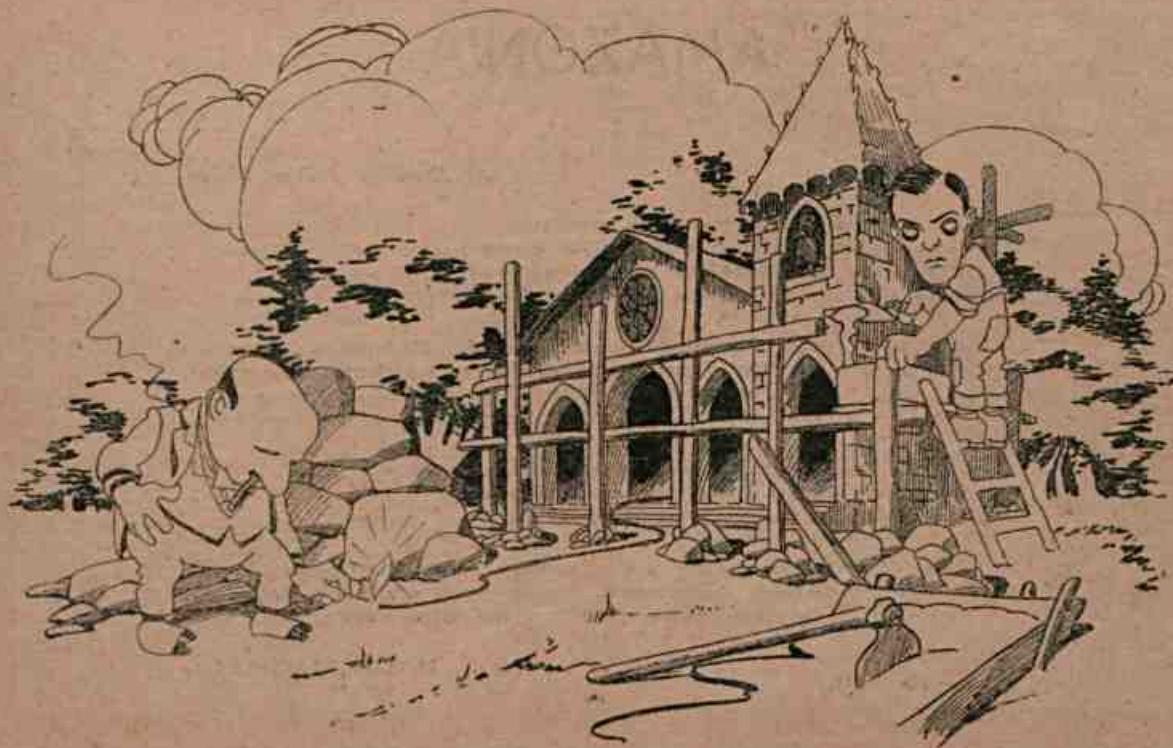
— Oh! com que então elle sustentava o mundo?

— Sustentava, sim, senhor.

— Está bem; e quem o sustentava a elle?

O Paulo mostrou-se a principio pouco satisfeito com a interrogação, mas depois, reflectindo um pouco, respondeu:

— Provavelmente, tinha casado com alguma mulher rica.

Oh Classe desunida!

MACEDO — A minha igrejinha está quasi prompta.
LAGE — Espera ahi, que eu te ajudo.

Figuras e cousas de outras terras

AUGUSTIN FILON. — Acaba de fallecer na Inglaterra, aos 74 annos de idade, o illustre litterato francez Augustin Filon, que foi professor do filho de Napoleão III.

Em 1867, o imperador Napoleão III, procurando preceptor para seu filho, o principe imperial, então de 11 annos, o ministro da Instrucção Publica, Victor Duruy, propoz ao soberano, para este posto de confiança, Augustin Filon, que foi acceito.

Acceitando esta missão, Filon desempenhou-a com inteiro devotamento. Quando, tres annos mais tarde, se abateu o infortunio sobre a familia imperial, elle seguiu a sorte do seu discipulo, acompanhando-o ao exilio. Regressou da Inglaterra depois de ter conduzido o principe imperial para junto de sua mãe, a imperatriz Eugenia, e foi se offerecer ao governo da Defesa Nacional para combater contra os invasores da patria. Este offerecimento foi recusado e elle obrigado a deixar a França.

Filon, desde então, não deixou mais seu discipulo, sendo confidente dos pensamentos e esperanças do jovem principe até 1879. Neste mesmo anno o principe morreu prematuramente em um reconhecimento contra os Zulú, na Africa.

Filon, que já soffria do mal cruel que ia tornal-o quasi completamente cégo, estabeleceu-se em Croydon (condado de Surrey) perto de Londres, a pouca distancia de Chiselhurst, onde continuava a residir a ex-imperatriz Eugenia, após a morte de Napoleão III.

O eminente homem de letras, que era um novellista fecundo, deixou varios romances de valor e importantes obras historicas. Por occasião da sua apressada partida para a Belgica, na revolução de 4 de setembro de 1870 que depoz a dymnastia napoleonica, foi muito commentado o telegramma que lhe foi attribuido, passado a um amigo:

«Filons sur Belgique. — *Filon*».

LOGICA DE FERRO

O patrão: — Antonio, qualquer destes dias vejo-me obrigado a mandal-o embora.

O creado: — Porque, patrão?

— Porque você tem a fraqueza de beber!

— Fraqueza? Ora esta é bôa! Um homem como eu que bebe quatro garrafas de vinho por dia, e cerveja e «cognac» e está sempre firme! Duvido que o senhor seja mais forte que eu!

AMAZONIA

A' Rosalina Coêlho Lisbôa

El-la, a terra feliz! Plaga divina,
De ramagens que o sol beija e não cresta!
— Bailes de borboletas na campina!
Saráus de pyrilampos na floresta!

E é sempre assim neste Eldorado, nesta
Região, que o olhar e o espirito fascina:
— Festa de luz, festa de ninhos, festa
De azas!... Cheiro de fructa e de resina!...

Aqui, se porventura vos perdêrdes,
Vereis que tudo são cupulas, flôres,
Ramos, cipós, eternamente vêrdes!

Mas entre esta verdura de folhagem
Abre, âs vezes, relampagos de côres,
O pennacho furtivo de um selvagem

RAUL MACHADO

Rio — 10 — 16.

A VIDA ELEGANTE

A gente elegante, isto é, uma pequena parte do grande mundo elegante, attendendo ao toque geral de reunir e avançar partido das varandas diplomaticas do Itamaraty, desfralda ao vento das batalhas uma flammula de guerra e surge em campo luctando para conquistar mais uma cadeira na hybrida Academia de Letras.

A vaga que alvoroçou as esperanças do Itamaraty foi a aberta com a inesperada morte do ephemero immortal Garcia Redondo e o candidato pelo qual peleja, obedecendo aos toques das cornetas diplomaticas, uma pequena parte do grande mundo elegante, é o ex-poeta Luiz Guimarães, actual ministro do Brasil em Caracas, com permanencia no Rio de Janeiro.

Para o prehenchimento da vaga de Arthur Orlando, tambem a elegancia entrára em linha de batalha, não solicitada, mas natúralmente attrahida pelo conhecido prestigio mundano de um candidato sem contendores.

O sr. Oscar Lopes, o preclaro homem de lettras cujo renome de *gentlemen* na mais brilhante roda da aristocracia carioca dava-lhe o direito de, seguindo exemplos repetidos, agitar em pról de sua candidatura os mais poderosos salões, não quer conquistar como homem de sociedade a victoria que disputa como homem de letras, concorrendo com o generoso medico dr. Miguel Couto, em favor de quem trabalha uma vasta clientela agradecida.

O Barão Homem de Mello entrará para a Academia sem o concurso da elegancia, occupando uma vaga que nenhum medico solicitou,

Contra a candidatura do maneiroso artista da diplomacia, o ex-poeta Luiz Guimarães, surgio, levantada pela espantosa gratidão do sr. Osorio Duque Estrada, a sarcastica figurinha do dr. Nuno de Andrade, medico que ninguem reputava capaz de salvar a quem quer que fosse, mas que, nas circumstancias presentes, apparece com a aureola de veterinario.

A Academia, que nasceu para fazer tradição literaria, é um cabide de fardões elegantes e um archivo de memorias clinicas e pelos seus merencoreos jardins imaginarios, os literatos passeiam como importunas sombras vindas de outros mundos.

Palestra com as senhoras

O TALHE

Das maximas e sentenças que correm entre as nações, nenhuma é mais profundamente verdadeira do que aquela que afirma não haver ninguem contente com a sua sorte.

A todos nós parece que Deus não foi suficientemente dadivoso para comnosco e nos dotou com qualidades e atributos que não os do nosso gosto. As mulheres louras prefeririam em geral olhos e cabelos pretos. As morenas dariam alguns annos de vida para serem louras. As joviaes desejariam possuir um genio mais retrahido: e as reportadas estimariam que Deus as houvesse feito mais alegres.

Este descontentamento se manifesta especialmente com relação á estatura.

Ha mulher que esteja contente com sua altura?

Se ha é raro. Nunca a encontrei.

Se a moda não variasse, ainda bem. Ha modas que favorecem as senhoras de alto porte, outras que só vão bem ás baixas. Mas os caprichos dessa deusa a que vivemos submetidos são tão variaveis, que vamos achando que uma toilette nos assenta bem, já precisamos nos estar preparando para a moda seguinte.

No entanto se ha facto que não deva motivar como desgosto é a estatura que nos coube na distribuição dos dons naturaes.

A mulher baixa desejaria ser alta, mas esquece que a pequena estatura tem as suas vantagens. Em primeiro logar sempre é possivel augmentar dous ou tres centimetros, por meio do salto do calçado, cujo tamanho, por maior que seja, pode perder em comodidade, mas não em elegancia.

A baixa pode attender com mais liberdade ao coração na escolha do marido, porque o homem de qualquer estatura, salvo se fôr um gigante, lhe irá bem ao lado.

Demais, chamando naturalmente pouca atenção, pode disfarçar os seus defeitos — quem não os têm? Além disso todas as modas lhe vão bem, inclusive a das saias curtas que parecia talhada somente ás senhoras de porte elevado.

A mulher alta, se excede um metro e setenta centimetros, chama de tal modo a atenção geral, que os seus menores defeitos se salientam com evidencia. Se não excede na estatura, mas é ainda alta, é raro que não tenha alguns dos precalços do porte elevado. Não pode ser tão agil como as baixas, e andar é dificil de ser tão gracioso. Os homens exigem-lhe mais perfeições e estas, infelizmente, não dependem de nós.

Até a altura de metro e meio, a mulher é considerada pequenina. Um metro e cincoenta a um metro e cincoenta e oito é baixa. De um metro e cincoenta e oito a um metro e sessenta e cinco é de estatura meiã. De um metro e sessenta e cinco a um metro e setenta, é alta.

Como para todo quadro é necessario saber escolher sua moldura, aconselho ás minhas patricias que procurem as circumstancias capazes de favorecerem seu aspecto exterior. Grande ou pequena, alta ou baixa, cada qual deve tirar partido da sua situação pessoal, sem querer enquadrar no talhe que não é seu.

MME. BRIE

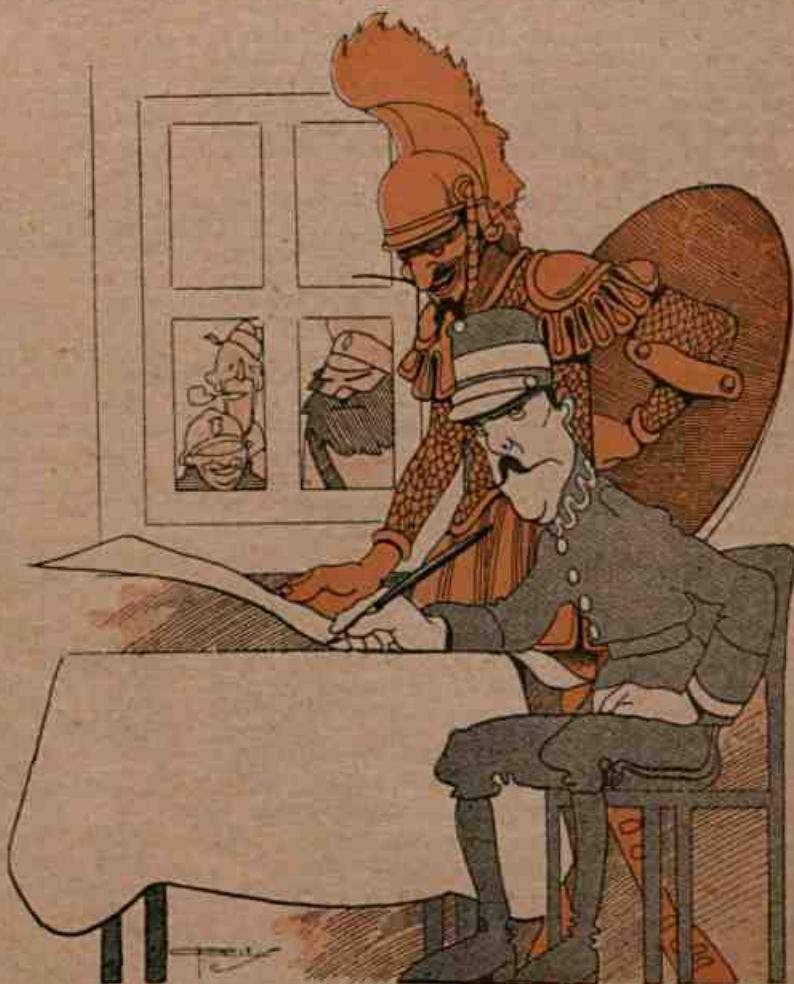
Na delegacia

— Porque entrou você na casa do queixoso?

— Porque pensei que era a minha.

— E porque você correu quando viu a mulher d'elle?

— Porque pensei que era a minha.

Em Athenas

MARTE — Deixemos de sovinices, seu Constantino. Assigne qualquer coisa na subscripção da Morte.

DO OUTRO LADO

(Chalom Ache)

CHALOM ACHE é judeu e escreve no hebraico moderno.

Pertence a uma familia judaica residente na Polonia. Nascido em Koutno, filho de um negociante de gado foi para Varsovia aos 20 annos e começou a collaborar no jornal *Des Jude*.

Publicou tres volumes de contos, um romance *Cidadesinha*, e tres dramas: *Deus de vingança*, *Sara Lião*, e *Sabbatai Levi*.

* * *

No meio de um campo deserto erguia-se a enorme fortaleza negra rodeada por um fosso largo em que as aguas correm perennes.

A' tarde quando se faz o silencio só o rumor dessas aguas se ouve.

No interior todos os andares estavam cheios de prisioneiros. Durante o dia parecia uma casa deshabitada, uma catacumba cujos carneiros fossem habitados por centenas de pessoas vivas e sãs. Os presos cochillavam em suas esteiras ou então ficavam immoveis a considerar os enfeites da cornija da chaminé ou outro objecto qualquer.

Com a chegada da noite porém, um sopro de vida invadia-a. De todos os lados batia-se nas paredes e graças ao alphabeto secreto iniciavam-se longas palestras. A's vezes um passo pesado no corredor mergulhava de novo tudo no silencio, mas mal se affastava o guarda as conversas recomeçavam mais insistentes.

Os presos habituavam-se a não fazer uso da lingua, acabavam por servir-se dos dedos unicamente e reconheciam mesmo pelo simples rumor dos toques dos dedos nas paredes o caracter de seu corresponnente ou sua posição social.

A's vezes, entretanto, tinham impetos de gritar, de falar um bocadinho como para experimentar um orgão adormecido havia tanto, a ver se elle funccionava ainda.

Ora, aconteceu que uma noite em que toda a prisão entretinha-s a conversar, ouviu-se de repente uma risada forte, uma risada fresca e alegre de rapariga.

Os presos aterrorisaram-se. Certamente ia-se passar alguma cousa de extraordinario, de anormal. As pancadas na parede cessaram, a prisão calou-se; uma segunda vez porem o riso claro, vibrante, echou dentro daquellas muralhas, cousa extranha, inacreditavel como se um defunto começasse de repente a fallar...

Aquella que havia rido era uma creança quasi.

Quando a haviam ido buscar á casa materna não tivera a percepção da gravidade do seu caso.

Levantara-se altivamente, e seguira os policiaes assumindo uma attitude romantica.

Esperava, depois de uma tal aventura, qualquer cousa de excepcionalmente grave de que fosse a heroina.

Sosinha, porem, entre quatro paredes no fundo de seu coração sentira sua solidão e pareceu-lhe que mãos de desmesurado peso sobre ella calcavam.

Chorou por muito tempo sem rumor, depois sentiu-se melhor e começou de novo a acreditar-se uma heroina.

Deitada sobre a sua tarimba cerrou os punhos e retezou o busto como a offerecer seu peito ás balas dos soldados. Lembrou-se de repente que estava só e recomeçou a prantear ruidosamente, como uma creança.

Appareceu então um guarda e pelo postigo lançou-lhe um olhar irritado.

A apparição daquella face nas trevas do corredor fez rir a rapariga; vendo-a (era a unica prisioneira) o soldado commovido sorriu-se tambem, mas logo retomou o tom severo e a face carrancuda.

Foi assim que pela primeira vez no sinistro edificio foi a disciplina violada.

A noticia espalhou-se logo por toda a prisão, da chegada da moça.

Como a teriam sabido?

Ninguem pudera ouvir-lhe a voz desde que ella fora encerrada na cellula; só as pancadas do alphabeto secreto atravessavam as paredes; ninguem podia vel-a tambem porque era conduzida ao passeio sosinha, mas sem duvida quando ella atravessava os corredores reconheciam o seu passo leve, miudo, feminino.

E depois, ella era apaixonada pela musica e para consolar-se da ausencia do piano sentava-se a um canto e com os pés marcava o compasso ao pensar em suas arias preferidas.

Os presos ouviam-n'a, reconheciam o rythmo, e acompanhavam tambem a divina musica.

Aquelle casarão sombrio transformava-se só com a presença daquella mulher.

Na cellula visinha havia um rapaz. As paredes da prisão haviam-lhe roubado já oito mezes de vida mas não haviam podido extinguir o ardor de seu coração.

Sentia-o adormecido dentro do peito, somente; de manhã, ao levantar-se, deitava-se de novo em seu grabato e passava longas horas a recordar-se de scenas da sua infancia que appareciam-lhe agora, minuciosas, como atravez de um sonho.

Dessa maneira a energia que nelle existia, como que anesthesiara-se.

Pouco lhe importava saber que lá fóra brilhava o sol ou cahia chuva em torrentes; bastaria entretanto uma scentelha para despertar-lhe o coração.

Do outro lado da parede elle ouvia a moça marcar o compasso e quando á noite ella rythmava um nocturno de Chopin perdia-se elle em longas meditações deliciosas.

Via uma florista nos primeiros dias do outomno; aqui e alem as manchas aureas do sol pintalgam o verde das arvores; um velho castello abandonado reflecte-se tristemente nas aguas azues; passa sob os pinheiros delicada visão feminil: silenciosa, encerrada em seu mysterio, ella passa de leve por entre as arvores, indo de um mundo extranho para um mundo longinquo...

Tentava conversar com ella atravez das paredes.

Com os dedos declarava-lhe o seu amor. «Quem és tu? Advinho que és moça e és bella... Sinto que te amo... Sou forte como um leão: quando a noite chegar derrubarei estas paredes e irei ter comtigo... Esconder-te-ei junto ao meu coração, como um passarinho abandonado e comtigo fugirei para longe, para bem longe, para muito longe...»

Ella escutava o barulho dos dedos mais sem comprehender por que ella não conhecia o alphabeto secreto.

Mas sentia que do outro lado da parede havia um coração que lhe pertencia, uma voz que chamava por ella.

Muitas vezes encostava o ouvido á parede para escutar, tentando decifrar aquella linguagem mysteriosa. Batia as vezes com os dedos tambem como si elles soubessem falar.

Ou então pela noite dentro deitava-se no solo, proximo á parede e batia para verificar se ella estava lá, do outro lado, no mesmo logar.

E assim ficaram ambos e elle do outro lado com os dedos entoava-lhe canções em que lhe falava sempre do seu amor.

Ella sentia, sem comprehendel-o, que aquellas leves pancadas iam-lhe direito ao coração... E apoiava então a cabeça á parede.

Um dia aconteceu uma cousa que fez passar um calafrio por todo o sinistro edificio. Um preso descobriu que estava se armando uma forca no pateo da prisão.

Durante toda a noite as pancadas das paredes como os pingos de uma gotteira, gemiam no silencio angustioso. Precipitavam-se, passavam de uma parede a outra parede, do soalho ao forro das cellulas; eram interrogativas, conselhos, consolações, despedidas. Aquellas pancadas, no silencio da noite, davam a impressão de que o anjo da morte esbarrava com as suas negras azas nas paredes da prisão.

Emfim fez-se o silencio; cada preso pensava em sua vida.

Ora, naquella noite, as pancadas que desferia com os dedos o visinho da moça, tinham assumido uma extranha accentuação.

Os dedos delle tremiam, febris. De certo, alguma cousa de grave e de urgente queria elle dizer-lhe. As pancadas imploravam, precipitavam-se, depois cessavam como em um calafrio. Ella adivinhou que elle apoiara o rosto de encontro ás paredes, que atravez della dava-lhe um beijo, que encarniçava-se contra ella, arranhando-a com as unhas. Mas não comprehendeu que segredo tinha elle a confiar-lhe.

O vento chorava lá fóra, agitando as taboas das janellas, encarniçando-se contra as grades. Nunca como naquella noite lhe parecera tão horrivel a sua cellula...

Por varias vezes bateu, para chamar o seu visinho, mas elle, agora não lhe respondia, como se estivesse zangado com ella...

Ella amuou-se então e foi deitar-se em sua tarimba. Uma tristeza immensa apoderava-se do seu coração, tinha impetos de recomeçar a chamal-o, mas esperava que elle principiasse.

O silencio da prisão era sinistro; as pancadas nas paredes haviam cessado inteiramente. Só se escutavam ao longe os passos das sentinellas.

Por fim, cheia de terror, levantou-se, correu até a parede, bateu, bateu, implorando, soluçante, arranhando o rosto contra a pedra fria. E murmurou já com a voz a faltar-lhe:

— Responde-me! Que fazes? O que aconteceu? Tenho medo! Responde! Responde-me!...

— Trinta mil reis por um par de sapatos!... E eu que só ando á pé. Oh!... a crise de transportes!

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DE *Careta*)

NEW-YORK, 9. — Telegrammas de Londres communicam que os allemães começaram a evacuar a Belgica.

WASHINGTON, 9. — Telegrammas de Berlim declaram que a Allemanha não fará a paz sem a annexação da Belgica.

BRUXELLAS, 9. — O governador Bessing nomeou o professor Herr, da Universidade de Tubingen, para estudar as razões philosophicas e as causas sociaes pelas quaes não se realisou nenhum baile em Louvain, desde agosto de 1914 até hoje.

BRUXELLAS, 10. — Não é exacto que tenha sido enforcado em effigie o rei Alberto. O rei será fuzilado em pessôa, se cahir prisioneiro.

HAVRE, 10. — O correspondente do *New-Yorck* póde assegurar que as tropas belgas ainda não conseguiram chegar a Antuerpia só por causa das forças allemães que estão no caminho

HAVRE, 10. — O relatorio inglez diz que a Belgica está coberta de glorias e o relatorio norte-americano descreve-a coberta de ruinas. Espera-se que o relatorio francez affirme que o belle reino do grande Alberto é uma ruina gloriosa.

PARIS, 10. — Causou má impressão o telegramma em que o senador Epitacio Pessôa protesta contra o acto do governo francez incorporando ao exercito os invalidos que se apresentam declarando-se validos para a defesa da patria.

PARIS, 10. — Segue para Liège o explorador Savage Landor que foi procurar a perna do general Leman, pela qual um millionario americano offerece uma fortuna.

PARIS, 10. — Antes de regressar ao seu paiz, o ministro argentino sr. Rodrigues Larreta fará uma conferencia na Sorbone, provando que Paris não foi tomada pelos allemães em 1914.

PARIS, 10. — O general Joffre vae pedir um armisticio aos allemães afim de vir a esta capital aprender o seu officio, escutando as conferencias dos tribunos dos paizes neutros.

VERDUN, 11. — Foi interrompida a batalha para que os soldados leiam a descripção de seus feitos, como os pintam os correspondentes que não sahiram do Rio e de Buenos Ayres.

O transeunte, irritadissimo, com a mão no olho, chega-se ao guarda e diz:

— Viu aquelle tratante daquelle moleque que ali está ? Atirou-me uma laranja podre ao olho que quasi me céga !...

— Vi, vi... respondeu o guarda. E que mão certa que elle tem !...

O troveiro do bairro...

Era habito do pobre solitario, depois que perdêra a confiança em mulheres, só confessar suas penas a uma velha guitarra arrematada num leilão de cousas imprestaveis, por dez tostões.

Trabalhava o pobre todo o dia, mas ao chegar á noite em casa e vendo-se tão só, tomava do instrumento amigo e ia puxar-lhe as murchas cordas pelas ruas vasias do bairro :

Quem canta seu mal espanta :
Diz um antigo dictado ;
Quanto mais minh'alma canta
Mais o mal fica a meu lado.

Ao principio os habitantes do bairro gostavam das serenatas do troveiro. Percebendo, porém, que a sua guitarra chorava toda a noite não deixando ninguem dormir, os mais impertinentes começaram a impacientar-se e foram ter com o abbade da freguezia, o qual, depois de uma conferencia secreta com o boticario, mandou-os em paz, declarando que daquella noite em deante o troveiro deixaria de cantar.

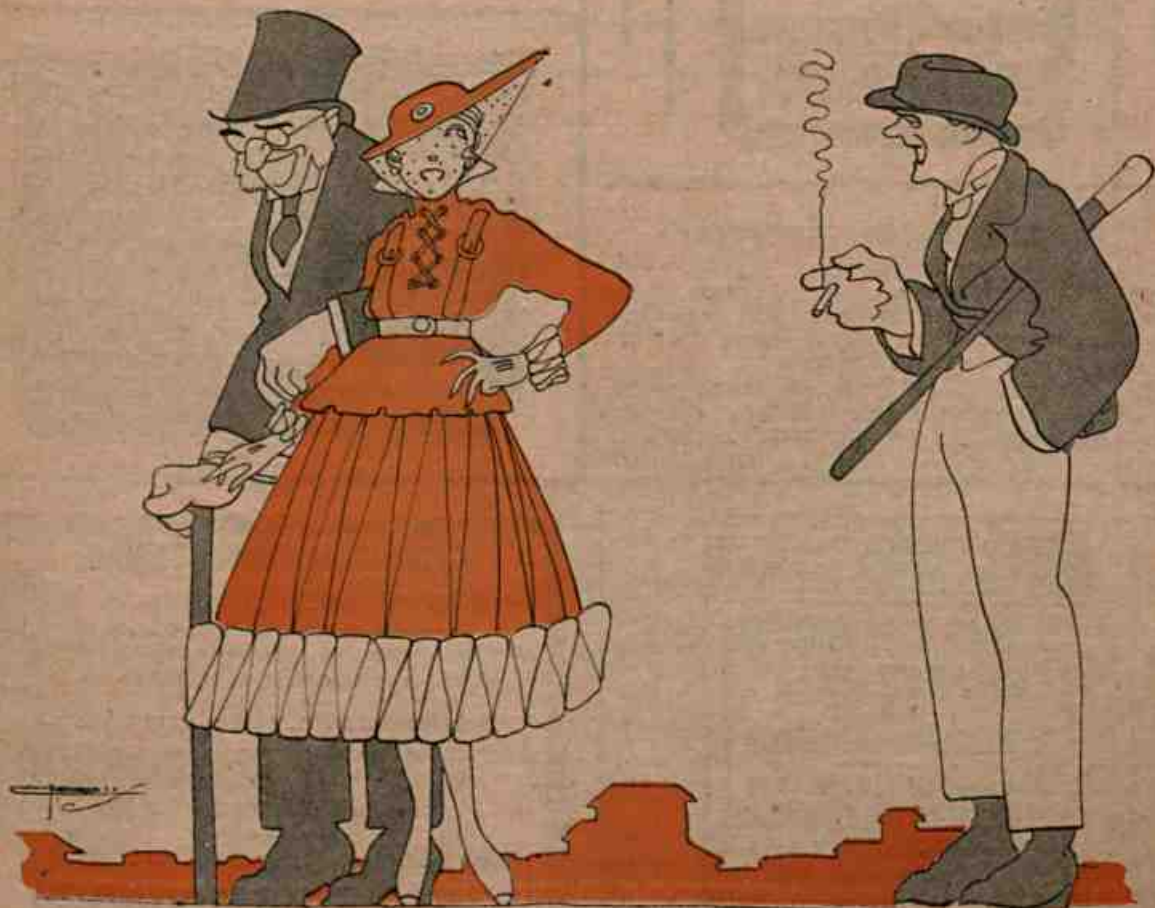
De facto... Ninguem sabe o que se deu naquella noite ! Contam que o troveiro gemia tristes endeixas sob a janella do abbade... Das bandas da botica surgiram alguns vultos suspeitos sem que o cantor désse por isso. De repente, em vez das notas sonoras da velha guitarra, o écho reproduziu ao longe... os sons barbaros de uma pancadaria infernal.

No outro dia, quando o lixeiro passava com a sua carroça, encontrou nesse mesmo local uns fragmentos de guitarra.

Do troveiro do bairro, porém, nunca mais se soube noticias, mas segundo diz o boticario, elle outro não é que o silencioso velho que ajuda o abbade a dizer sua missa solemne em dias de grandes prédicas e acompanha-o sempre nas procissões em homenagem ao padroeiro do arraial.

Perguntou a Socrates um discipulo o que lhe parecia melhor : casar ou ficar solteiro. Ao que o philosopho respondeu :

— Toma o partido que quizeres entre esses dous extremos e fica certo que te arrependerás.

Pai myope

O VELHO — Quem é ?
A PEQUENA — E' o Dr. Simplicio, voluntario.
O VELHO — Está em exercicio ?
A PEQUENA — Sim... De suas funcções.

A soberania do champagne

Como vinho aristocratico o champagne é dos mais antigos. O feroz Domiciano não achou pena mais cruel para castigar o povo *rhemo*, sinão destruir-lhe os seus afamados vinhedos.

Esse attentado foi annullado por Marco Aurelio, que mandou restabelecer os parreiraes, por conta do governo imperial, desde Rheims até Chalons.

No seculo X augmentou a fama dos vinhos champagne. Do imperador Carlos V se sabe que foi grande apreciador do vinho de Ay. Em todas as suas campanhas fazia-se acompanhar de uns toneis do precioso liquido, e mesmo depois de velho e doente continuou fiel á sua bebida favorita.

Iguaes affeições foram cultivadas por Henrique VIII, da Inglaterra, Francisco I, Henrique IV e Luiz XV da França, pelo papa Leão X e pelos reis de Hespanha Felippe V, Carlos III e Fernando VII.

Note-se, entretanto que o vinho de Ay não era espumoso até os fins do seculo XVII. Esse melhoramento veiu depois.

Barba ruiva

O conde de Soisons tinha a barba ruiva. Passeiava elle um dia pelos seus jardins com o rei Henrique IV, de França, que o tinha ido visitar, e querendo zombar de um jardineiro que tinha a cara completamente raspada, disse-lhe:

— Rapaz, porque não tens barba?

— Senhor, quando Deus estava repartindo as barbas, eu cheguei um pouco tarde, e já não havia sinão barbas ruivas. Então eu pensei commigo: Para receber uma barba tão feia, antes ficar sem nenhuma.

O rei deu uma gargalhada e o conde sorriu lividamente.